

No late más que un único reloj: el campanario, que cuenta los dichosos hastíos de la aldea, el cual, al sol de Enero, agriamente chispea, con su aspecto remoto de viejo refractario... A la puerta, sentado se duerme el boticario... en la plaza yacente la gallina cloquea y un tronco de ojaranzo arde en la chimenea, junto a la cual el cura medita su breviario. Todo es paz en la casa. Un cielo sin rigores bendice las faenas, reparte los sudores... Madres, hermanas, tías, cantan lavando en rueda las ropas que el Domingo sufren los campesinos... y el asno vagabundo que ha entrado en la vereda huye, soltando coces, de los perros vecinos.

La siesta

Julio Herrera y Reissig 1875-1910, Los éxtasis de la montaña; Eglógánimas y * Los parques abandonados, Eufocordias; Poesía Completa y Prosas, Scipione Cultural, 1998. – Gentileza de Raynal Augusto Costa

Beija a lua e foge o vento...
Inquieta ela fita o mar,
e ele estilhaça, ciumento,
em mil cacos, o luar.
Dorothy Jansson Moretti, 1010
Fanal: Rua Álvares Machado 22, 1º
01501-030 – São Paulo, SP

A cabrocha mineirinha,
pela gostosura e graça,
é um beiju de farinha,
inda saindo fumaça!
Fernando Vasconcelos, 1010
O Patusco: Caixa Postal 95
61600-970 – Caucaia, CE

Se o barco imenso da vida
seguisse rumo à verdade,
alcançaria guarida,
paz, amor, fraternidade.
Ione Arruda, 1006 Meyapalavra
Rua João Cordeiro 1991, Ap 101B
60110-301 – Fortaleza, CE

Citándonos, después de obscura ausencia,
Tu alma se derretía en largo lloro,
a causa de quién sabe qué tesoro
perdido para siempre en tu existencia.
Junto a los surtidores, la presencia
semidormida de la tarde de oro,
decaíste lo mucho que te adoro
y cómo era de sorda mi dolencia.
Pesando nuestra angustia y tu reproche,
toda mi alma se pobló de noche...
y al estrecharte murmurando aquellas
remembranzas de dicha a que me amparo,
hallé un sendero matinal de estrellas,
en tu falda ilusión de rosa claro.

* El camino de las lágrimas

Alguém diz que a sorte é cega
e eu acredito porque,
pelo fato de ser cega
passa por mim e não vê.
Luiz Arruda, 1009
Binóculo
ivonildodias@secrel.com.br

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XIV, Nº 11 – 2010 NOVEMBRO

Assinatura até 31.12.11: 13 selos postais de 1º Porte Nacional
Não-comercial (R\$ 0,70) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!

www.haicu.sf.nom.br

Anoche tal vez te vi
salir lenta de la iglesia,
en las manos el rosario,
cabizbaja y recoleta.
O acaso junto al arroyo,
allá en la paz de la aldea,
urdíamos nuestros sueños
divinos de primavera.

Gerardo Diego 1896-1987, Sueños,
Versos Escogidos, 1970
Editorial Gredos, S.A., Madrid

É triste a paz que amortece,
torna os homens infelizes...
Alegre é a paz que floresce,
que tem seiva nas raízes!
Maria Thereza Cavalheiro, 1008
Littera Trova, CP 119
12010-970 – Taubaté, SP

Meu rosto não tem vidraça
de aliviar minha saudade,
enquanto espero e não vens,
transcorre uma eternidade!
Lucília Decarli

Luta inglória é essa a nossa,
minha e da enxada, dois loucos,
tudo em nome de uma roça
que a seca mastiga... aos poucos...
Darly O. Barros

Tive tantas namoradas...
Tantas... Tantas... Que castigo!
Hoje estão todas casadas;
nenhuma delas comigo!
Hélio Azevedo de Castro

Na roça não tive estuado,
mas fiz – calejando as mãos –
dessa escassez de canudo
esta fartura de grãos!
José Ouverney

A cada dia que passa
torna-se coisa mais rara
ver cidadão com a graça
de ter vergonha na cara.
Lairton T. de Andrade

Na pouca pressa que tens
de aliviar minha saudade,
enquanto espero e não vens,
transcorre uma eternidade!
Lucília Decarli

Trovia, Ano 10, número 116, agosto 2009, para correspondência, A. A. de Assis: Rua Arthur Thomas 259, Ap 702, CEP 87013-250 – Maringá, PR

QUIDAIIS DE PRIMAVERA – TEMAS DA PRIMAVERA

Perfume suave,
flor de pontinhos vermelhos...
jacinto desponta.
Alba Crhistina

Rubra a paisagem.
Capuchinha, sete-chagas
floresce na mata.
Amauri do Amaral Campos

Galhos ressequidos.
Dos arbustos derrubados,
brotam folhas novas.
Analice Feitoza de Lima

Aplaudem crianças
com seus violinos.
Semana da Música.
Manoel F. Menendez

Na taipa, tumbergia.
Sapatinho-de-judia.
Caracóis em cachos.
Mª Marlene N. T. Pinto

Cascata jorrando
beija-flor
se banhando.
Osmar de Souza Lima

Do seio das árvores
vem o frescor e o perfume.
Respira a magnólia.
Roberto Resende Vilela



HAICUS E M FOLHA

Brisa perfumada!
Trepidam asas e pétalas,
no jardim florido. B
Amália Marie Gerda
Magia translúcida
toca, com leveza, o céu...
Bolha de sabão! H
Amália Marie Gerda
Desfralda a bandeira
abençoando o Brasil!
Dia da Bandeira. N
Amália Marie Gerda
Vento buliçoso
arpejiando os meus braços.
Brisa matutina. N
Analice Feitoza de Lima

Hinos patrióticos
pelo infinito ecoando.
Dia da Bandeira. N
Analice Feitoza de Lima
Dia da Bandeira.
Os alunos perfilados,
pavilhão hasteado. B
Angelica Villela Santos
A brisa perpassa
pelas flores do jardim.
Perfume no ar... B
Angelica Villela Santos
O hino tocando,
os alunos perfilados.
Dia da Bandeira. N
Angelica Villela Santos

Crianças brincando
fazem bolha de sabão
no meio da rua. N
Argemira F. Marcondes
A brisa que passa,
deixa um suave perfume
de frutas silvestres. N
Argemira F. Marcondes
Cortina estampada.
Borboletas ganham vida
ao sopro da brisa. A
Darly O. Barros
Dia da Bandeira...
O pavilhão nacional
tremula nos mastros. H
Darly O. Barros

Caneca espumando...
E a magia das bolhas
de sabão, no ar... Z
Darly O. Barros
Tremulo no mastro
a bandeira colorida
Dia da Bandeira. H
Denise Cataldi
As saias das moças
se levantam com a brisa
– olhares dos moços... N
Denise Cataldi
Copinho na mão
e as bolhas coloridas
bailam no ar... N
Denise Cataldi

Dois guris se empenham
em confronto divertido.
Bolhas de sabão. B
Flávio Ferreira da Silva
Símbolo da pátria
hasteado ao som do hino.
Dia da Bandeira. H
Flávio Ferreira da Silva
Saltitantes,
as crianças estouram
bolhas de sabão. B
Iracema Gomes
Sinto no rosto.
Meus cabelos
a brisa esvoaça. Z
Iracema Gomes

Sobe, lentamente,
na alvorada, o pendão.
Dia da Bandeira H
Manoel F. Menendez
Guri na janela
solta bolhas de sabão.
Crianças na rua. H
Manoel F. Menendez
Menina feliz,
na mão sopra canudinho,
bolha de sabão. N
Mª App. Picaço Goulart
Brisa no jardim.
Espalhadas no chão,
pétalas de rosa. B
Neuza Pommer

No pátio, ecoam
hinos do coral da escola.
Dia da Bandeira. N
Neuza Pommer
Menino à janela
arregala os olhos.
Bolhas de sabão. N
Neuza Pommer
Vendedor de rua
solta bolhas de sabão –
menino extasiado. N
Renata Paccola
Dentro do shopping,
loja com bolhas de sabão
atrai as crianças. Z
Renata Paccola

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.
2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

SELEÇÕES MENSIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

✉ Até o dia 30.11.10, enviar até 3 haicus de quigos: Escola de Samba, Mormaço, Pernilongo. 📧
Até o dia 30.12.10, enviar até 3 haicus de quigos: Cravo, Grilo, Primeiro de abril.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Ap 82
05010-040 - São Paulo, SP

ou mfmendez@superig.com.br

UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES DE MATOGROSSO DO SUL

Revista da UBE-MS Número 1 – Setembro de 2009; Av. Fernando Correia da Costa 559, Sº: 79002-820 – Campo Grande, MS; fone 0*67 3325-0013 – www.ubems.org.br
Gentileza de www.bookcrossing.com: BCID 195-8038689, Casa das Rosas

O DESEPERO DE MARIA

Augusto César Proença da Silva

Nessa noite, Maria não dormiu. Não conseguiu se esquecer da cobra que entrou pelas frestas dos carandás, bem na hora do vento, largando um rastro sinistro no chão de terra batida do rancho. Pedro roncou a noite toda. Virava-se na cama quando ela levemente lhe tocava o corpo para sentir a vibração do sono pesado daquele homem que amava. O dono do seu destino.

Olhava as frestas dos carandás clareadas pela luz da lua e se desesperava. Não sabia responder a si mesma o que fazia naquele

lugar isolado e selvagem, a não ser acompanhar a loucura, a ambição, seja lá o que fosse, de um homem que também não tinha certeza do que na realidade queria para si.

Que passos eram aqueles que davam num mundo habitado por cobras venenosas e onças ferozes a urrar com as chegadas do vento? Para onde iriam aqueles passos até agora indecisos, que campeavam distâncias sem saber ao certo onde e quando chegar?

Maria olhou novamente as frestas enluradas dos carandás e teve medo. Pensou em acordar o marido, mas se deteve. Não queria sexo, mesmo porque nem podia, com filho a esperar dentro da sua barriga. Queria apenas conversar com ele. Ele que

não era muito de diálogo, meio aloucado, só enxergava o caminho das estradas e das águas. Queria aproveitar aquele instante e saber o que realmente esse homem pensava do destino deles, metidos num mundo de loucura, longe de médicos, de parentes, de comadres, de tudo. Queria saber do futuro daquele ser que se formava dentro dela e que nessa noite soqueteava-lhe o ventre, desesperadamente, parecendo não ter paciência de permanecer sequer mais alguns segundos aprisionado na placenta unguida de angústia e de ansiedade.

Acordaria esse homem? Diria a ele: Pedro, por favor, me escuta, preciso conversar com você, acordá!

Ele dormia de costas para ela. Então deslizou de leve a mão no ombro musculoso daquele homem que amava e, de repente, impulsionada por uma estranha vontade, cravou-lhe a unha na pele. Pedro saltou num susto. Sou eu, Pedro, ela disse, quero contar uma coisa pra você, por favor, me escuta!... Deixa de medo, mulher, dorme logo, foi a resposta antes de procurar outra posição na cama para continuar com o sono largado. Pedro, vamos conversar, eu preciso... eu quero perguntar uma coisa...

Mas nesse momento chegou o vento, barulhando nas palhas de acuri e Maria parou de implorar ao marido um segundo de atenção ao seu desespero.

Era um vento que chegava sempre de madrugada, envergando macegas, encrespando águas barrentas, atiçando vozes de afogados.

Com sua violência e seu olhar cruel, derrubava ranchos ribeirinhos, expulsava famílias inteiras, assobiava em ruínas e em taperas. Muitas vezes roncava na mata para se tornar livre nas baixadas, a redemoinhar nos largos, levando folhas, galhos, ramos, até se perder lá longe, nas distâncias.

Maria olhou as frestas enlurçadas e sentiu outro tremor de medo percorrer-lhe a pele: sim, a cobra! Ela vai entrar outra vez, com certeza fugindo desse vento, pensou, e chamou: Pedro! Pedro! Mas o marido não estava mais ali.

Maria sabia que esse vento assim como chegava ia embora, sempre no clarear do dia. Então fechou os olhos, ficou quieta, quase encolhida na cama, esperando o dia amanhecer. E amanheceu com ele lindo, límpido, alegre, com pássaros cantantes e pétalas vermelhas se abrindo no canteiro da janela do rancho.

ILHA DO PADRE

Darci Jorge Martins da Cunha

Era um final de tarde, entre o verde intenso da mata e a transparência das cascatas do rio Formoso, quando uma senhora de cabelos grisalhos sentou-se na cadeira da última fileira da pequena igreja construída no interior do município de Bonito, que faz jus ao seu nome.

Ninguém poderia imaginar as angústias guardadas naquele coração que agora batia descompassado pelas lembranças de uma manhã de sol vivida há décadas no litoral paulista.

Prefiro a morte a ver minha filha casada com um pescador.

Essas palavras saíram como labaredas da boca do Coronel Santiago de Moura Brito, cidadão de alta linhagem e respeito do interior paulista, viúvo, pai de Gabriel e Mariana e que conduzia com mão de ferro sua família, na retidão dos costumes da época, num País que experimentava uma explosão de crescimento social, político e econômico sob o comando de Vargas.

Coronel Santiago escolhia os eventos culturais na comunidade em que vivia, para comparecer com todas as pompas e com seus filhos.

Avaliava com seu olhar perfurante cada moça de quem seu filho

se aproximasse e cada pretendente que cortejasse sua Mariana.

Assumiu a responsabilidade das tarefas de pai e de mãe após sua amada Carolina não ter resistido a uma delicada cirurgia quando seu filhos tinham nove e seis anos, respectivamente.

Mas "a mão que conduz a maça desconhece os destinos da febre", diz o poeta, sobre a dura tarefa de educar os filhos. Quis o destino que, naquela viagem de férias para o litoral, os olhos de Mariana encontrassem o verde perturbador dos olhos de um pescador de corpo dourado de sol que chegava ao final de cada tarde com peixes frescos, para abastecer a luxuosa vila dos graduados militares em suas regalias de férias.

Camilo era pescador e poeta.

Todas manhãs, antes de deslizar com seu barco rumo ao horizonte, escrevia um poema na areia.

Vou ao mar pescar palavras para alimentar o coração da minha amada.

Não sabia o pescador que sua fantasia se chamava Mariana, que acordava cedo todos os dias para ler seus poemas antes que a maré guardasse seus versos na biblioteca das sereias.

Não desconfiava o Coronel Santiago que no diário de Mariana habitavam os registros de uma história proibida escrita nas areias daquela praia.

Naquele sábado os ventos não permitiram o avanço do barco de Camilo e, ao voltar, surpreendeu Mariana na praia e seus olhos se tocaram pela vez primeira e suas bocas provaram uma fusão de brisas jamais contida em suas trilhas existenciais e seus corpos tornaram-se metáforas ao som ritmado dos tambores do mar.

Levantem-se!

Aquela voz de comando, conhecida e temida, sou pelas rochas, rebenetações e pássaros que compunham aquele cenário distorcido de Dali.

Sob palavras rudes e ameaçadoras do Coronel, o corpo febril da jovem Mariana foi levado para longe dos olhos verdes de Camilo, que se afastava sob ameaças do Coronel Santiago.

Nunca mais pise nesta praia ou em qualquer lugar onde esteja minha filha!

Horizontes opostos guiaram os passos dos jovens amantes.

As férias foram interrompidas e os rigores do convívio familiar e dos estudos foram aos poucos enrijecendo aquele coração meigo que pescava poemas na praia ao nascer do sol.

Seu irmão Gabriel casou-se aos 25 anos e foi morar na capital. A vida perdera o colorido na casa grande e cheia de troféus e honrarias ao Coronel Santiago de Moura Brito.

Vamos ao clube, Mariana!

Insistia um pai perdido em um labirinto de comandos e regras.

Lá você vai conhecer um bom moço para se casar.

Mariana aos poucos foi transformando suas respostas em silêncios desconcertantes.

Antes da aposentadoria do Coronel, ainda passaram duas temporadas juntos na colônia de férias, mas o mar carecia agora de poemas, barcos e olhos verdes.

O mar era agora somente um mar.

O velho Coronel cansou de dar ordens, de comandar a casa, de ouvir o silêncio da sua solidão, de respirar e de tantas outras coisas e, então, fez sua última continência aos seus monstros interiores, fechando para sempre seu livro-vida.

Foi vista pela vizinhança do casarão, uma mulher de cabelos grisalhos saindo pelo portão dos fundos com um diário na mão, sem destino, nem planos, apenas decidida a andar e andar até o fim dos seus dias, seguindo o mesmo rumo que havia tomado há quatro décadas os olhos verdes dos quais nunca mais havia tido notícias.

Absorta na igreja mirava atentamente uma moldura envelhecida, pendurada na parede atrás do padre, onde havia um verso interrompido – *Vou ao mar pescar palavras...*

Quando aquela senhora se aproximou do altar, em lugar de receber a hóstia sagrada entregou ao padre um diário e saiu em silêncio.

A pequena igreja continua aberta aos visitantes para suas orações e meditações ao som das cascatas cristalinas e da magia do verde desse paraíso que ficou conhecido como Ilha do Padre.

Padre Camilo e Mariana nunca mais foram vistos.

M I C R O C O N T O S

Elias Borges de Campos

MAIS UM DIA

Olhou para as cartelas dos comprimidos, tirou um a um, mais de sessenta, depositou-os no copo d'água.

Já ia beber quando avistou na caixa de tarja preta que a data de validade expirara um dia antes.

Resolveu adiar mais um pouco.

BIZARRO

Levado às pressas para o hospital. No banco do carona, reclama quase num grito: Tem um velho feio me seguindo! A filha para o carro, se dirige ao retrovisor do lado direito, e o abaixa.

BODAS DE ESMERALDA

Contava alegremente na festa o quanto a amava, quarenta anos cuidando para que a pontinha do pão fosse só dela. Ela também contou que o amava muito. E que odiava pontinha de pão.

BODAS DE DIAMANTE

Discordou, brigou, arrumou novamente as malas. Como sempre, desfez na noite. Jurou mais uma vez que jamais iria embora, que não conseguiria viver sem ele. Fitou-o longamente... correu para os seus braços.

Revista da UBE-MS Número 1 – Setembro de 2009

O FAZEDOR DE AMANHECER

Antes a gente falava: faz de conta que este sapo é pedra.
E o sapo eras.
Faz de conta que o menino é um tatu e o menino eras um tatu.
A gente agora parou de fazer comunhão de pessoas com bicho, de entes com coisas.
A gente hoje faz imagens.
Tipo assim:
encostado na Porta da Tarde estava um caramujo.
Estavas um caramujo – disse o menino porque a Tarde é oca e não pode ter porta.
A porta eras.
Então é tudo faz de conta como antes?

Eras

Meu avô dava grandeza ao abandono.
Era com ele que vinham os ventos a conversar sentava-se o velho sobre uma pedra nos fundos do quintal e vinham as pombas e vinham as moscas a conversar.
Saía do fundo do quintal para dentro da casa e vinham os gatos a conversar com ele.
Tenho certeza que o meu avô enriquecia a palavra abandono.
Ele ampliava a solidão dessa palavra.
E as borboletas se aproveitavam dessa amplidão para voar mais longe.

Só o silêncio faz rumor no voo das borboletas.

Na estrada, ponho meu corpo a ventos.
Aves me reconhecem pelo andar.

Meu avô

Não sinto o mesmo gosto nas palavras:
oiseau e pássaro.

Embora elas tenham o mesmo sentido.

Será pelo gosto que vem de mãe? de língua mãe?
Seria porque eu não tenho amor pela língua de Flaubert?
Mas eu tenho.
(Faço este registro porque tenho a estupefação de não sentir com a mesma riqueza as palavras oiseau e pássaro).
Penso que seja porque a palavra *pássaro* em mim repercuta a infância e *oiseau* não repercuta.
Penso que a palavra *pássaro* carrega até hoje nela o menino que ia de tarde pra debaixo das árvores a ouvir os pássaros.
Nas folhas daquelas árvores não tinha oiseaux só tinha pássaros.
É o que me ocorre sobre a língua mãe.

A língua mãe

Nos jardins da Praça Matriz, os meninos urinavam socialmente.
A gente fazia campeonato para ver quem mandava urina mais longe.
O menino que mandasse mais longe era campeão.
Mas não havia taça nem medalha.
Umas girias iam ver por trás dos muros a competição.
Acho que elas tinham alguma curiosidade ou inveja porque não podiam participar do campeonato.
Os meninos ficavam sérios como se estivessem defendendo a pátria naquele momento.
As meninas cochichavam entre elas e corriam de lá para cá, rindo.
O campeonato só era diferente da Fórmula Um porque a gente não tinha patrocinadores.

As coisas muito claras me noturnam.

Campeonato

Não tenho a anatomia de uma garça pra receber em mim os perfumes do azul.
Mas eu recebo. É uma bênção.
Às vezes se tenho uma tristeza, as andorinhas me namoram mais de perto.
Fico enamorado. É uma bênção.
Logo dou aos caracóis ornamentos de ouro para que se tornem peregrinos do chão.
Eles se tornam. É uma bênção.
Até alguém já chegou de me ver passar a mão nos cabelos de Deus!
Eu só queria agradecer.

As bênções

POSTAIS DA CIDADE

Maria-pelego-preto, moça de 18 anos, era abundante de pelos no pente.
A gente pagava pra ver o fenômeno.
A moça cobria o rosto com um lençol branco e deixava pra fora só o pelego preto que se espalhava quase até pra cima do umbigo.
Era uma romaria chimite!
Na porta o pai entrevado recebendo as entradas...
Um senhor respeitável disse que aquilo era uma indignidade e um desrespeito às instituições da família e da Pátria!
Mas parece que era fome.

Maria-pelego-preto

Dona Maria me disse: não agüento mais, já tô pra comprar uma gaita, me sentar na calçada, e ficar tocando, tocando...

– Mas só pra distrair?

– Que mané pra distrair! O senhor não está entendendo?

– Entendo. A senhora vai ficar sentada na calçada, de vestido sujo, cabelos despenteados, esqualida, a soprar uma gaitinha rouca, não é?

Depois as pessoas ficarão com pena da sua figura esfarrapada, tocando uma gaitinha rouca, e jogarão moedas encardidas em seu colo encardido, não é?

Seu vestido estará salpicado de mosca e lama.
A senhora de três em três minutos dará uma chegada no boteco da esquina e tomará um trago.

Com pouco a senhora estará balofa, inchada de cachaça, os lábios como cogumelos.

Sua boca vai cair no chão.

Uma lagarta torva pode ir roendo seu lábio superior pelo lado de fora.

Um moleque pode passar e esfregar terra em seu olho.
Ligeiro visgo começará a crescer de seus pés.

Alguns dias depois sua gaita estará cheia de formiga e areia.

A senhora estará cheia de lacraias sem anéis.
E ninguém suportará o cheiro de seu corpo, não é assim?

Dona Maria teve um arrepio.

– Epia moço! eu não queria dizer tanto. Só pensei de comprar uma gaita, me sentar na calçada e ficar tocando, tocando... até que a vida melhorasse. O resto o senhor que inventou.

Desse jeito, já estou vendo os meninos passarem por mim a gritar: – Maria Gaiteira, fui! Maria Gaiteira, fui fui!

Por favor, moço, mande esses meninos embora pra casa deles. O senhor já me largou na sarjeta, já fez crescer visgo no meu pé, e agora ainda manda os moleques me xingarem...

Dona Maria